

Música, dimensão afetiva e histórias de vida: relações possíveis

WAZLAWICK, Patrícia¹
patricia.wazla@terra.com.br
CAMARGO, Denise de².

RESUMO:

Estudou-se os significados e sentidos expressos nas narrativas que os jovens constroem sobre sua história de relação com a música. Trabalhou-se com a “Entrevista Narrativa” (SCHÜTZE, 1977) focada na “Autobiografia Musical” (RUUD, 1998). As situações vividas deram margem para a construção dos significados da música nos contextos coletivos e singulares. Significados que são constituídos pelos sentidos envolvidos as emoções, sentimentos, desejos, interesses, motivações de sujeitos em constantes relações com o contexto sócio-cultural. Significados/sentidos que demonstram a utilização viva da música e a movimentação de sujeitos implicados com a atividade musical, que a constituem enquanto ela também se faz constituinte deles.

PALAVRAS-CHAVE: Significados e sentidos, Musicoterapia, Psicologia Social da Música.

ABSTRACT:

Its objective is to study the meanings and senses expressed in the narratives which the young people build up about their history of relation with the music. Worked with the “Narrative Interview” (SCHÜTZE, 1977) focused in the “Musical Autobiography” (RUUD, 1998). The lived situations gave margin for the construction of the meanings of the music in the collective and singular contexts. These meanings are, mainly, constituted and constructed by the senses involved by emotions, feelings, desires, wishes, interests and motivations of people in constant relations with the social-cultural context. Meanings/senses show the living use of the music and the constant movement of people implied with the musical activities that make up this activity while it is also made up of them.

KEY-WORDS: Meaning and senses, Music Therapy, Social Psychology of Music.

¹ Musicoterapeuta, Mestre em Psicologia (UFPR), Doutoranda em Psicologia (UFSC); professora universitária. / Psicóloga, Doutora em Psicologia Social (PUC-SP).

² Professora (aposentada) do Departamento de Psicologia da UFPR. Orientadora do Mestrado de Psicologia da UFPR (2000 a 2004). Autora do livro “As emoções e a escola” (Travessa dos Editores, 2005)

INTRODUÇÃO

“... Talvez fosse preciso considerar que nosso conhecimento do mundo é uma mistura de rigor e poesia, de razão e paixão, de lógica e mitologia...” (MAFFESOLI, 1988, p.90).

“...O pleno sentimento da vida implica em que tentemos capturá-la e, assim, compreendê-la, de todas as maneiras possíveis – lógicas e estéticas, intelectuais e estéticas, científicas e artísticas. Não há porque privilegiar-se uma única e exclusiva maneira de contato com a realidade, feito intentado pela lógica da modernidade ao longo desses últimos séculos...” (DUARTE JÚNIOR, 2001, p. 186).

Este estudo relata a pesquisa de Mestrado em Psicologia, intitulada “Quando a música entra em ressonância com as emoções: significados e sentidos na narrativa de jovens estudantes de Musicoterapia” (Linha de pesquisa “Processos Psicossociais”, UFPR), sob orientação da Prof^a. Dr^a. Denise de Camargo. Versa sobre uma possível inter-relação entre temáticas da Psicologia Sócio-Histórica e Histórico-Cultural, Música e Musicoterapia.

A pesquisa teve como objetivo “estudar os significados e sentidos expressos nas narrativas que os jovens constroem sobre sua história de relação com a música”.

Na fundamentação teórica discute-se a construção dos significados e sentidos da música sob a perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural, principalmente com a contribuição de L. S. Vygotski, tecendo uma interface com as idéias dos musicoterapeutas noruegueses Even Ruud e Brynjulf Stige, em base à filosofia de Ludwig Wittgenstein.

O resultado da pesquisa apontou que quando se vivencia a música não se relaciona apenas com a matéria musical em si, mas com toda uma rede de significados construídos no mundo social, em contextos coletivos e singulares.

Dessa forma, os significados e sentidos da música são construídos a partir de vivências concretas e da “utilização viva” da música por sujeitos em relação, onde articulam sua dimensão afetiva, desejos, vontades, interesses e motivações, enquanto estão implicados e constituem a atividade musical, que, em um movimento dialético, também se torna constituinte deles.

“HORIZONTES” TEÓRICOS

A partir da perspectiva Sócio-Histórica da Psicologia pode-se compreender que a música é criada pela utilização cultural e pessoal dos sons. A música age sobre a cultura que

lhe dá forma e de onde ela deriva, ao mesmo tempo em que se insere na estrutura dinâmica onde ela própria se formou (TOMATIS; VILAIN, 1991). Está inserida nas várias atividades sociais, donde decorrem múltiplos significados. A cultura dá os referenciais, bem como os instrumentos materiais e simbólicos que cada sujeito se apropria para criar, tecer e orientar suas construções, neste caso, as atividades criadoras e musicais. Quando se vivencia a música se relaciona com os elementos musicais e suas relações, e também com toda uma rede de significados construídos no mundo social, em contextos coletivos e singulares, enfim, junto dos contextos sócio-históricos de sujeitos.

Nesta perspectiva entende-se o sujeito como constituído e constituinte do contexto sócio-histórico no qual está inserido. De acordo com Zanella (1999) “todo indivíduo enquanto ser social insere-se, desde o momento em que nasce, em um contexto cultural, apropriando-se dele e modificando-o ativamente, ao mesmo tempo em que é por ele modificado...” (p. 153). A cultura e as manifestações culturais derivam da atividade humana conjunta. “As características singulares do indivíduo também derivam da atividade social, sendo, portanto, social e historicamente constituídas” (ibid). Assim, as atividades culturais “...contribuem, em maior ou menor grau, dependendo das significações engendradas e apropriadas pelos sujeitos que as executam, para a constituição desses mesmos sujeitos...” (ibid.). É a dinâmica entre sujeito, sociedade, cultura, linguagem, pensamento, atividade, consciência, emoções e dimensão artístico-criadora, como visto em Vygotski (1987), Geertz (1989), Carroll (1987), Maheirie (2001, 2003) e Berger e Luckmann (1967).

O conceito de emoção tal como é estudado em Vygotski (1987, 1990, 1999), Heller (1980), Sartre (1938-1965) e Sawaia (2001), permeia a compreensão teórica desta pesquisa. Emoção como mediadora do todo da realidade humana em constante relação dialética entre sujeitos e destes com o mundo. Vinculada as esferas da vida social, enquanto é construída social e historicamente nas relações entre os sujeitos e seus contextos, e que permite visualizar a implicação que se dá nesta dinâmica.

Ampliando este conceito encontram-se os “Significados e Sentidos” (VYGOTSKI, 1987; LURIA, 1986). Estes autores trabalharam com os significados e sentidos das palavras que, por sua vez, revelam, dialeticamente, a formação da consciência humana mediada pelo pensamento e pela linguagem. O significado, segundo Luria (1986) é o sistema de relações que se formou objetivamente no processo histórico e que está encerrado na palavra.

A palavra assinala um objeto determinado, o analisa e o introduz em um sistema de enlace e relações objetivas. Define-se como um sistema estável de generalizações que se pode encontrar em cada palavra e igualmente para todas as pessoas de um universo determinado. O sentido seria o significado individual da palavra, separado do sistema objetivo de enlaces; está composto pelos enlaces que têm relação com o momento e a situação dados. Pode designar algo completamente diferente de pessoa para pessoa e em circunstâncias diversas. Do significado objetivo da palavra, de acordo com a situação, se configura o sentido, diretamente ligado ao uso da palavra de modo idiossincrático. Estes conceitos permitem também compreender os significados e sentidos na e da música.

Discutindo a “Significação em Música”, retomou-se as concepções advindas da Musicologia. Com Meyer (1956), Reimer (1970) e Martin (1995) pontuou-se as posições estéticas “Absolutista” e “Referencialista”. Meyer critica que “em um sentido geral, teóricos da música se preocupam mais com a gramática e a sintaxe da música do que com seu significado ou a experiência afetiva que emerge de tal experiência” (1956, p. 6). Desse modo, percebe-se que é relevante considerar, também, a construção pessoal e social do significado musical. Aspectos que permitem compreender que a música tem significado ao sujeito na medida em que se vincula à experiência vivida, passada ou presente, e quando proporciona aproximar o “vivido” aos sentimentos e emoções, para conferir-lhe significado. Em termos de construção social do significado musical, Martin (1995) aponta que “os significados da música não são nem inerentes nem reconhecidos intuitivamente, mas emergem e tornam-se estabelecidos (ou transformados ou esquecidos) como uma consequência das atividades de grupos de pessoas e contextos culturais particulares” (1995, p. 57).

Finalmente destacam-se os musicoterapeutas noruegueses Stige (1998) e Ruud (1990, 1998) em conversa com o filósofo Ludwig Wittgenstein (1975), a respeito da “Construção do significado musical”. “Se tivéssemos que nomear qualquer coisa que é a vida da palavra, do signo, nós deveríamos dizer que era o seu uso” (WITTGENSTEIN citado por STIGE, 1998). Para Wittgenstein os sinais adquirem vida no uso. A palavra, no jogo da linguagem, adquire seu significado como um movimento em um processo comunicativo. A linguagem depende dos usos que as pessoas, os grupos, as comunidades e sociedades fazem. Dizia Wittgenstein (1975): “*não pergunte pelos significados das palavras, pergunte pelo uso*”. Nesta visão, o significado não é compreendido como algo pré-fixado, rígido, imutável,

universalizado. Justamente pelo seu uso deve ser entendido como algo dinâmico, em constante movimento, relacionado aos sentidos atribuídos pelos sujeitos e grupos de acordo com suas formas de vida. Seriam estas “formas de vida” que levariam aos “jogos de linguagem”, de acordo com os usos das palavras, que não são os mesmos entre as diferentes comunidades. A dialética entre significados e sentidos, construídos pelos sujeitos em relação, nos contextos sócio-históricos e culturais.

Stige (1998) aponta que a linguagem e o contexto não podem ser separados, e que o significado é um conhecimento local. Faz este percurso teórico para compreender a significação da música na Musicoterapia, onde poder-se-ia apreender, que a própria música terá o seu significado, tal como a linguagem, a partir de seu uso, do contexto, do jogo e dos jogadores que trazem para estes contextos de “jogos de sons, de vibrações, de ondas sonoras, de canções e músicas” a sua utilização e os seus significados e sentidos. O “significado como uso” seja das palavras que da música é um significado pessoal e social. Um significado construído e criado nas relações e ações sociais condizentes com o que é vivido, experienciado e condizente com os sentidos do sujeito.

Significados e sentidos que podem ser conhecidos por meio da narrativa de sujeitos (SCHÜTZE, 1977 citado por JOVCHELOVITCH & BAUER, 2002; MISHLER, 2003). As narrativas permitem reconstruir ações, contextos, mostrar lugares, tempos, motivações, relações, orientações do sistema simbólico e permite, principalmente, transformar seqüências de eventos em histórias – histórias que podemos e devemos conhecer nos processos musicoterapêuticos: histórias de relação com a música.

MÉTODO

Realizou-se uma Pesquisa Qualitativa Exploratória. A pesquisa qualitativa exploratória “é realizada em áreas e sobre problemas dos quais há escasso ou nenhum conhecimento acumulado e sistematizado. Pela natureza de sondagem, não parte de hipóteses. Estas poderão surgir como produto final da pesquisa” (TOBAR; YALOUR, 2001, p. 69).

Os sujeitos participantes foram três jovens, com idade entre 20 e 23 anos, solteiros, residentes na região sul do Brasil, pertencentes a famílias de classe média, estudantes

do primeiro ano da graduação em Musicoterapia da Faculdade de Artes do Paraná, Curitiba, matriculados no ano de 2004.

A Técnica de Coleta de Informações foi composta pela “Entrevista Narrativa” (SCHÜTZE, 1977) focada na “Memória Musical” e “Autobiografia Musical” (RUUD, 1998), acompanhada da re-criação e escuta das músicas identificadas por eles como significativas. O “Tópico Inicial” da entrevista foi: “fale sobre experiências musicais que fizeram parte de sua vida que se lembre por alguma razão”. As entrevistas foram gravadas em *mini-disc*, e também se compôs um Diário de Campo.

A Análise das Informações iniciou-se com a transcrição detalhada das entrevistas, seguida de várias leituras do material transcrito. Em um “duplo movimento” entre teoria e dados empíricos junto da interpretação das narrativas foram construídas treze categorias, que configuram os resultados da pesquisa a respeito dos significados e sentidos que os jovens constroem sobre sua história de relação com a música.

A “tônica” que orientou a análise dos dados foi a leitura da música e da dimensão afetiva no contexto cultural onde ocorreram, onde o sujeito encontra-se situado historicamente.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

“... O vivido, o experienciado, o sentido, é aquilo que se apresenta para ser pensado; e sempre e com muito mais força durante a infância e a adolescência, quando não se acha arraigado em nós esse compulsivo vício da abstração desencarnada” (DUARTE JÚNIOR, 2001, p. 190).

A partir da reconstrução das narrativas a respeito das histórias de relação com a música, e de acordo com a proposta dos procedimentos teórico-metodológicos, foram construídas treze categorias: 1) Cultura Musical no Contexto Familiar; 2) Infância “festiva e feliz” vivida com a música; 3) Emoção percebida no outro em meio à vivência com a música; 4) “Trazer a música para perto de si”: o aprender a tocar um instrumento musical e o cultivo da dança; 5) “Pegar influência” dos irmãos e amigos; 6) “Som pesado” e muito “barulho” (*Heavy Metal*); 7) Repertório de Canções: Trilha Sonora para suas vivências; 8) Momentos de “Metamorfose” na Identidade Musical; 9) Implicação com músicos e suas atividades musicais;

10) Vivência da dimensão afetiva da música; 11) Sensibilidade; 12) Dança e Canto; 13) Escolha da Atividade Musical e Opção pela Musicoterapia.

As emoções e sentimentos, integrantes da atividade humana junto do agir e do pensar, configuram a construção dos sentidos (significados singulares) da música, de acordo com a reflexão do sujeito acerca de si e de suas vivências. A música despertando a afetividade permite que o sujeito signifique o mundo que o cerca, e que objetive sua subjetividade na atividade musical.

Dessa forma, percebe-se que não existem significados naturais ou universais da música, mas que estes são envoltos às características culturais e espaços-temporais presentes nos diversos momentos da história humana, e à forma como são articulados na existência cotidiana de sujeitos.

Foi por meio das narrativas que se desvelou partes da subjetividade destes sujeitos e suas implicações com a música. Narrativas repletas de eventos e memórias de situações vividas com ela. Não são histórias que trazem fatos que acontecem por acontecer em relação à música. São histórias que transbordam significados e sentidos de uma vida implicada com ela. Um processo de expansão do eu, que quanto mais cresce, desenvolve, expande, mais intensifica o próprio processo, ou seja, o sujeito enquanto desenvolve a si e sua atividade musical, desenvolve a música e a implicação com ela, e estas próprias ações que se expandem no meio social voltam e intensificam seu núcleo.

Não iremos transcrever aqui os discursos dos sujeitos conforme analisados em cada uma das treze categorias resultantes da pesquisa¹. Neste texto nos preocupamos em montar um esquema de compreensão teórico-empírica a partir do estudo e pesquisa realizado no mestrado em psicologia, do modo como podemos conhecer, a partir da interação dialógica e na experiência musical com os sujeitos, os significados e sentidos expressos nas narrativas de vida que constroem sobre sua história de relação com a música, perfazendo o percurso do já vivido (passado), a síntese do presente, e as orientações para o devir (o futuro). Este esquema é apresentado abaixo:

¹ Para conferir os discursos e as categorias na íntegra ver: Wazlawick (2004), “Quando a música entra em ressonância com as emoções: significados e sentidos na narrativa de jovens estudantes de Musicoterapia”, Dissertação de Mestrado em Psicologia, Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, 2004.

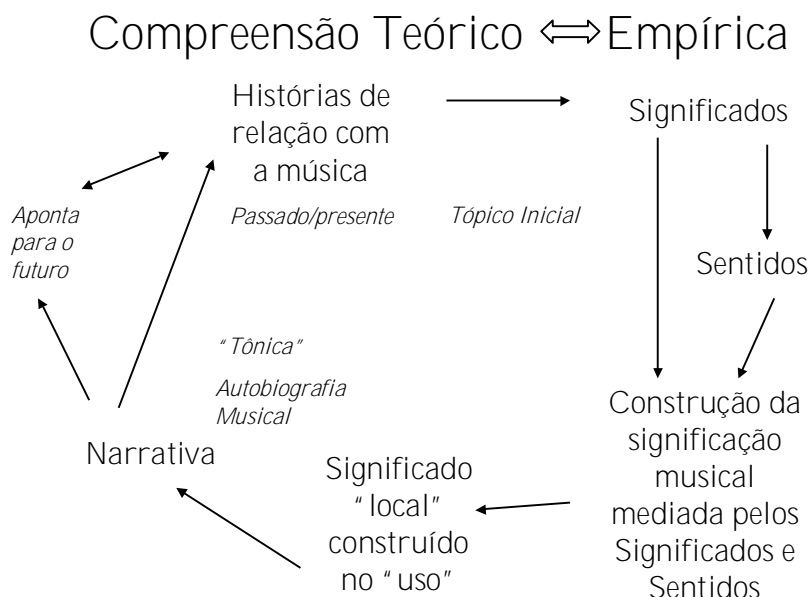


Fig. 1 – Esquema de compreensão teórico-empírica da pesquisa realizada.

Este esquema (conforme mostra a figura 1), ao configurar uma síntese da compreensão teórico-empírica possível a partir da pesquisa de mestrado, nos permite visualizar que para compreendermos a significação musical precisamos fazer a leitura a partir do resgate dos movimentos e momentos que compõe a história de vida de um sujeito. Este resgate permeia o vivido, ou seja, a dimensão do passado, o presente – os momentos atuais de vida, e as projeções futuras, as orientações para o devir. Nesta temporalidade histórica, a partir do discurso verbal e musical do sujeito, a partir de um tópico inicial, tal como o empregado no método de nossa pesquisa, a saber: “fale sobre as experiências musicais que fizeram parte de sua vida e que se lembre por alguma razão”, pudemos nos aproximar dos significados compartilhados coletivamente por estes sujeitos em relação, e dos sentidos singulares construídos para suas vivências pessoais nas histórias de relação com a música, que passam a configurar uma significação musical que é construída, é histórica, é temporal, é provisória, e diz respeito a este sujeito, que vivencia determinadas relações em um determinado contexto sócio-histórico e cultural de vida. Isto nos permite identificar que a significação musical é

sempre “local” e depende das vivências que o sujeito estabelece com a música, em sua história.

Podemos apreender esta dinâmica nas narrativas que o sujeito constrói sobre sua história de relação com a música, e na forma como vivencia a atividade musical e a experiência musical em um contexto musicoterapêutico, por exemplo. Lembrando que a compreensão desta dinâmica deve levar em conta a leitura da música e da dimensão afetiva no contexto cultural onde ocorrem, onde o sujeito encontra-se situado historicamente.

Desta forma, percebemos também que os sentimentos e as reações despertadas pela música não são iguais para todas as pessoas nas diversas épocas e lugares, mas são produtos do experienciar humano. É difícil haver um universalismo no significado musical, ou seja, uma generalização que explique a comunicação e a significação musical, já que este processo é dialético e acontece inserido na dimensão cultural, por meio da ação dos sujeitos. Esta idéia também pode ser verificada em Maheirie (2003). De acordo com a autora, “as músicas, na medida em que provocam no fisiológico determinadas reações, podem, a partir daí, nos remeter a estados emocionais intensos, em que só as ações poderão lhes dar uma significação. Esta, não sendo estabelecida a priori na música, também não o é nas emoções, posto que o que nos emociona não emocionará necessariamente os outros” (MAHEIRIE, 2003, p. 150).

Vygotski (2001) pontua a existência de uma “síntese criadora secundária” na relação que estabelecemos com as obras de arte, e dentre elas a música, configurando um tipo específico de relação, a saber, a “relação estética”² (VYGOTSKI, 2001; SANCHEZ VÁZQUEZ, 1999; ZANELLA, 2004).

Todo esse trabalho necessário pode ser chamado de “síntese criadora secundária”, porque requer de quem percebe reunir em um todo e sintetizar os elementos dispersos da totalidade artística. Se uma melodia diz alguma coisa a nossa alma é

² A relação estética requer um olhar estético: mais livre na apreensão significativa do mundo, que busca outros ângulos de leitura, que não vê o objeto em sua pressuposta verdade, estranha e rompe com o imediato e o episódico, e produz novos sentidos para a configuração de realidades (ZANELLA, 2004). A relação estética, portanto, “consiste em uma experiência pautada por uma sensibilidade que descola a ambos, sujeito e objeto do imediato, da existência física e concreta (...) É uma relação sensível que, no prazer/desprazer, no deleite ou repulsa, forja a própria sensibilidade e se objetiva na atividade criadora” (ZANELLA, 2004, p. 139). A relação estética requer “...observar o habitual de tal maneira que pareça estranho, insólito. Ao distanciar-se de certa realidade e ‘tirar-lhe essa marca de familiaridade que hoje os mantém ao alcance da mão’, o sujeito recupera sua liberdade, seu poder reflexivo e crítico, sua capacidade de aceitar uma nova realidade” (SANCHEZ VÁZQUEZ, 1999, p. 152).

porque nós mesmos sabemos arranjar os sons que nos chegam de fora. Há muito tempo os psicólogos vêm dizendo que todo o conteúdo e os sentimentos que relacionamos com o objeto da arte não estão contidos nela, mas são por nós incorporados, como que projetados nas imagens da arte, e os psicólogos denominaram empatia o próprio processo de percepção. Essa complexa atividade da empatia consiste num reatamento de uma série de reações internas, da sua coordenação vinculada e em certa elaboração criadora do objeto. Essa atividade é o que constitui o dinamismo estético básico que, por sua natureza, é um dinamismo do organismo que reage a um estímulo externo (VYGOTSKI, 2001, p. 334).

O método empregado em nossa pesquisa de mestrado, na forma como se configurou, e a partir da discussão com as obras e pesquisa do musicoterapeuta norueguês Even Ruud (2003), nos permitem identificar este método como uma proposta de “Autobiografia Musical”, onde está incluso o trabalho de memória musical e narrativa musical. Este método pode ser empregado para a configuração e conhecimento da história sonoro-musical do cliente, seja em processos de atendimento individuais ou em grupos, e para todos os momentos que envolvam situar e identificar as produções de significações musicais na Musicoterapia. Em nossa “versão” ele é resultado de uma fundamentação teórica que faz uma interface entre estudos na área da Musicoterapia (RUUD, 1998; STIGE, 1998) e da nas perspectivas Sócio-Histórica e Histórico-Cultural (VYGOTSKI, 2001).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Deste estudo pôde-se destacar:

- Os jovens viveram situações concretas enquanto constituindo-se sujeitos, permeadas pela dimensão afetiva, onde se deu a utilização viva da música;
- Os significados e sentidos constroem-se em constante movimento dialético junto das histórias;
- A dimensão subjetiva pode estar objetivada na música, e revela o contexto histórico vivido de forma singular, do qual emergem os significados da música;
- Os significados são locais, de acordo com a utilização pessoal e social da música, conferidos pelo sujeito, a partir de seus sentidos, de sua vivência e principalmente da implicação com a música;
- Os significados são cambiáveis - se desconstroem, são re-criados - pois o sujeito está em constante movimento;

- Na relação com a música pôde-se “ver e ouvir” o que sentiam em meio aos acontecimentos concretos, onde os jovens construíram significados e buscavam compreender sua realidade;
- A música foi e é constitutiva dos jovens enquanto sujeitos históricos e singulares.

Fazendo parte das histórias a música contribuiu para integrar os enredos, e os jovens, construindo narrativas para sua história de relação com a música, viram-na também contar sobre eles e suas relações, a partir dos elementos base destas histórias que foram os significados e sentidos emergidos da vivência dos acontecimentos objetivos, ligados ao uso da música de modo idiossincrático e coletivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERGER, Peter.; LUCKMANN, Thomas. *Construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1967.
- CAROLL, Raymonde. *Evidences Invisibles*. Paris: Seuil, 1987.
- DUARTE JÚNIOR, J.-F. *O sentido dos sentidos*. A educação (do) sensível. Curitiba: Criar Edições, 2001.
- GEERTZ, Clifont. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1989.
- HELLER, Agnes. *A Teoria de los sentimientos*. México: Distribuciones Fontamara, 1980.
- JOVCHELOVITCH, Sandra.; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin.; GASKELL, George (org.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- LURIA, Alexander. O desenvolvimento do significado das palavras na ontogênese. In: LURIA, Alexander. *Pensamento e linguagem: as últimas conferências de Luria*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.
- MAFFESOLI, M. *O conhecimento comum*. Compêndio de sociologia compreensiva. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- MAHEIRIE, Kátia. “*Sete mares numa ilha*”: a mediação do trabalho acústico na construção de identidade coletiva. São Paulo, 2001. 196f. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Doutorado em Psicologia Social.
- MAHEIRIE, Kátia. Processo de criação no fazer musical: uma objetivação da subjetividade, a partir dos trabalhos de Sartre e Vygotsky. *Psicologia em Estudo*, v. 8, n. 02, p. 147-153, 2003.
- MARTIN, Peter. J. *Sounds and society*. Themes in the sociology of music. Manchester: Manchester University Press, 1995.
- MEYER, Leonard. B. *Emotion and meaning in music*. Chicago: The University of Chicago Press, 1956.
- MISHLER, Elliot. G. Narrativa e identidade: a mão dupla do tempo. In: LOPES, Luiz; BASTOS, Liliana. *Identidade. Recortes multi e interdisciplinares*. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

- REIMER, Bennett. *A philosophy of music education*. New Jersey: Prentice-Hall, 1970.
- RUUD, Even. *Caminhos da Musicoterapia*. São Paulo: Summus, 1990.
- RUUD, Even. *Music Therapy: improvisation, communication, and culture*. Gilsum: Barcelona Publishers, 1998.
- SANCHEZ VÁZQUEZ, Adolfo. *Convite à estética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- SARTRE, Jean-Paul. *Esboço de uma teoria das emoções*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1938-1965.
- SAWAIA, Bader B. O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. In: SAWAIA, Bader B. (org.). *As artimanhas da exclusão. Análise psicossocial e ética da desigualdade social*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- STIGE, Brynjulf. *Perspectives on Meaning in Music Therapy*. *British Journal of Music Therapy*, v. 12, no. 1, 1998. Disponível em: <http://www.voices.no> Acesso em 02 set. 2003.
- TOBAR, Frederico; YALOUR, Margot R. *Como fazer teses em saúde pública*. Rio de Janeiro: Fiocruz Editora, 2001.
- TOMATIS, Alfred A.; VILAIN, Jacques. O ouvido à escuta da música. In: RUUD, Even (org.). *Música e saúde*. São Paulo: Summus, 1991.
- VYGOTSKI, Lev S. *La imaginación y la arte em la infancia*. Ensaio psicológico. Madrid: Akal, 1990.
- VYGOTSKI, Lev S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- VYGOTSKI, Lev Semenovich. A educação estética. In: VYGOTSKI, Lev S. *Psicologia pedagógica*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 323-363.
- WAZLAWICK, Patrícia. *Quando a música entra em ressonância com as emoções: significados e sentidos na narrativa de jovens estudantes de Musicoterapia*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Mestrado em Psicologia. Curitiba, 2004.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações filosóficas*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1975.
- ZANELLA, Andréa Vieira. Aprendendo a tecer a renda que o tece: apropriação da atividade e constituição do sujeito na perspectiva histórico-cultural. *Revista de Ciências Humanas*, edição especial temática, p. 145-158, 1999.
- ZANELLA, Andréa Vieira. Atividade criadora, produção de conhecimento e formação de pesquisadores: algumas reflexões. Em: *Psicologia & Sociedade*, v. 16, n. 1, p. 135-145, Porto Alegre, 2004.